

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

VALMIR LUIZ DE OLIVEIRA

PRÁTICAS AVALIATIVAS: uma experiência no Ensino de Filosofia

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

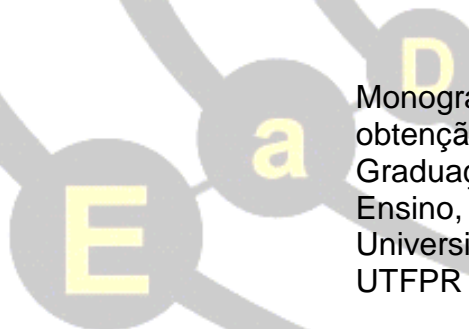
MEDIANEIRA

2013

VALMIR LUIZ DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS AVALIATIVAS: uma experiência no Ensino de
Filosofia**

UTFPR



Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós-Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Esp. João Enzio Gomes

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
**Especialização em Educação: Métodos e
Técnicas de Ensino**



TERMO DE APROVAÇÃO

Práticas Avaliativas: uma experiência no Ensino de Filosofia

Por

Valmir Luiz de Oliveira

Esta monografia foi apresentada às **20:30 do dia 05 de abril de 2013** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Esp. João Enzio Gomes
UTFPR – Câmpus Medianeira
(Orientador)

Prof. Dr^a Shiderlene Vieira Almeida
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Dr^a Ivone T. Carletto de Lima
UTFPR – Câmpus Medianeira

À minha família pela ajuda e apoio constante. À Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pela oportunidade de realizar este curso. Aos professores, pelo conhecimento a mim fornecido.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A minha esposa, pelo apoio e conforto a mim dedicado, por sonhar comigo os meus sonhos e acreditar em minha capacidade de torná-los reais.

Ao meu orientador Prof. Esp. João Enzio Gomes, que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço aos meus amigos de trabalho e alunos que me incentivaram na realização desse trabalho.

Enfim, sou grato a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

A sabedoria é uma construção sólida e única, na qual cada parte tem seu lugar e deixa sua marca (MICHEL EYQUEM DE MONTAIGNE).

RESUMO

OLIVEIRA, Valmir Luiz de. Práticas avaliativas: uma experiência no ensino de filosofia. 2013. 41f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este estudo teve como reflexão as práticas de avaliação da aprendizagem no sentido de analisar a importância da avaliação e descobrir, melhor, qual é o seu papel no ensino aprendizagem, não o reduzindo, mas potencializando cada indivíduo. Para isso, procurou-se identificar as percepções dos diferentes interlocutores, buscando compreender nessa relação os pontos convergentes e divergentes de algumas práticas avaliativas desenvolvidas e evidenciadas pelos alunos no Ensino de Filosofia. O instrumento utilizado foi a coleta de dados através de questionário. Discutiram-se as concepções de avaliação da aprendizagem, e sua importância na retomada do caminho a ser percorrido pelo aluno. Foi proposta uma avaliação como diagnóstico contínuo da aprendizagem que, ao contrário da avaliação autoritária, constitui-se num momento dialético do processo de avaliação no desenvolvimento da ação e do crescimento, para a autonomia dos alunos do Ensino de Filosofia. Na tentativa de transformações reais e reflexivas, a prática da avaliação proposta nessa pesquisa, busca superar as relações de poder centralizadas no professor e na instituição, para conquistar um espaço democrático de participação coletiva, em que a organização e o planejamento pedagógico estejam voltados para uma prática emancipatória no ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino aprendizagem. Práticas avaliativas. Filosofia. Reflexão.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Valmir Luiz de. Evaluative practices: an experience in teaching philosophy. 2013. 41f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This study is the reflection of learning assessment practices in order to analyze the importance of evaluation and discover better what is your role in teaching and learning, not reducing it, but leveraging each individual. Identify the perceptions of different stakeholders, seeking to understand this relationship the convergent and divergent points of same evaluation practices developed and evidenced by students in the Teaching of Philosophy. The instrument used was data collection through questionnaire. The article discusses the concepts of learning assessment, and its importance in the resumption of the path to be taken by the student. We proposed a diagnostic evaluation as continuous learning, unlike the authoritarian assessment. Constitutes a dialectical moment of the evaluation process in the development and growth of action for the autonomy of school students of Philosophy. In an attempt to change real and reflective practice of evaluation proposed in this research, seeks to overcome the power relations centered on the teacher and institution, to attain a democratic space for collective participation in the organization and pedagogical planning are geared for an emancipatory practice in learning teaching.

Keywords: Teaching learning. Evaluation practices. Philosophy. Reflection.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
INEP	Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais
MEC	Ministério da Educação
QPM	Quadro Próprio do Magistério

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 AVALIAÇÃO ESCOLAR.....	13
2.2 EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	14
2.3 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	17
2.4 SISTEMA DE AVALIAÇÃO.....	18
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	20
3.1 LOCAL DA PESQUISA.....	20
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	21
3.3 COLETA DE DADOS.....	21
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	23
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	25
4.1 AÇÕES NECESSÁRIAS PARA MELHORAR A QUALIDADE DA AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	26
4.2 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA AVALIAÇÃO.....	27
4.3 PAPEL DO CORPO DOCENTE NA BUSCA DE NOVAS FORMAS DE AVALIAÇÃO.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6 REFERÊNCIAS.....	32
7 APÊNDICE.....	34

1 INTRODUÇÃO

O que se busca com esta pesquisa é a análise de algumas práticas avaliativas no ensino de Filosofia, a partir da vida, ou seja, do saber sistematizado dos alunos, através de pesquisa e acompanhamento diário informal no sentido de descobrir melhor o papel da avaliação no ensino aprendizagem, ampliando suas perspectivas, e cada vez mais, potencializando seus sujeitos, tornando-os responsáveis do seu saber e cidadãos.

A partir do objetivo geral são os seguintes objetivos específicos: a) Refletir sobre a prática de Avaliação da Aprendizagem desenvolvida pelos docentes no Ensino Médio, na disciplina de filosofia, na turma de primeiro ano; b) Caracterizar a avaliação mediadora como parte integrante do processo de construção do conhecimento e, portanto, dinâmica e continuamente passível de mudança; c) Propor ações necessárias à melhoria da qualidade do processo avaliativo, subsidiando a Instituição na tomada de decisões no que se refere à avaliação da aprendizagem no ensino de filosofia.

Evidencia-se que a avaliação se deu pela prática transformadora como elemento de um ensino democrático, não discriminatório e não preconceituoso, que forneça também o acesso das classes populares à educação e, acima de tudo, uma educação de qualidade que vença o grande desafio do momento que é a permanência do aluno no sistema de ensino.

O desenvolvimento da pesquisa se deu em uma sala de aula, com uma turma de primeiro ano de filosofia, sob a tutela do professor em questão.

Sabe-se que a palavra avaliação faz parte das constantes reclamações dos alunos sob este processo desgastante a que são submetidos constantemente, mesmo sabendo que a finalidade é para tentar medir ou detectar o grau de aprendizagem e ou dificuldades que encontram em cada fase escolar.

Ao refletirmos sobre estes aspectos, proporcionou-nos uma autocrítica, necessária acerca de como poderia, tal estudo, contribuir para minimizar os problemas que são constantes ainda nos dias atuais.

Estudar a avaliação em uma perspectiva transformadora significa situá-la como elemento de um ensino democrático dentro de um projeto educacional para a formação do aluno como cidadão crítico, participante e autônomo, cuja apropriação

significativa e crítica do conhecimento que constitui o objetivo do processo ensino-aprendizagem, que não se antagoniza; ao contrário, caminha na direção da construção permanente desse cidadão.

Para tanto, busca-se nesta pesquisa responder aos seguintes questionamentos: Quais as concepções de avaliação da aprendizagem que fundamentam as práticas dos professores, atualmente, em sala de aula? Quais os pontos positivos e negativos da avaliação na concepção dos alunos? Essas indagações suscitam reflexões relevantes sobre a prática avaliativa da aprendizagem no ensino de Filosofia.

Com a preocupação de buscar respostas para as questões da pesquisa, o presente trabalho apresenta-se estruturado da seguinte forma:

As concepções de avaliação da aprendizagem, ressaltando que a avaliação é um campo de estudo que historicamente se apresenta sob diferentes abordagens. Tais abordagens possibilitam compreender o próprio conteúdo da avaliação, desvelando o momento conceitual e sua trajetória no espaço da ação educacional.

É possível identificar as percepções e concepções dos diferentes interlocutores, buscando compreender nessa relação os pontos convergentes e divergentes da prática avaliativa desenvolvida e evidenciada pelos alunos no Ensino de filosofia.

Por outro lado, os problemas percebidos no processo avaliativo, não somente da disciplina de Filosofia, e vivenciados na prática pedagógica dos professores e alunos da instituição, instigaram a opção pela realização deste estudo. Essas e outras indagações suscitaram reflexões relevantes sobre a prática avaliativa da aprendizagem, sugerindo uma proposta de avaliação baseada na concepção emancipatória.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AVALIAÇÃO ESCOLAR

A questão da avaliação na educação escolar apresenta-se, de modo geral, como um desafio para os professores de qualquer disciplina. Escolher, elaborar, organizar e aplicar bons instrumentos avaliativos é tarefas extremamente difíceis para a maioria dos educadores.

No que se refere à disciplina Filosofia em específico, a discussão em torno das formas de avaliação constitui um debate incipiente, tanto no ambiente da Educação Básica, onde a Filosofia vem, a cada ano, ganhando mais espaço, principalmente nos cursos de Licenciatura, onde, na maioria das vezes, tal tema ocupa um espaço raso ou mesmo inexistente.

Os livros didáticos, manuais e obras que visam dar suporte ao trabalho do professor de Filosofia que atuará no Ensino Médio, são compostos quase em sua totalidade, por orientações de conteúdo e método, reservando um espaço muito restrito à questão relativa à avaliação.

Entender que na escolha dos instrumentos usados como processo avaliativo pelo professor e como estes são apresentados aos alunos, deve-se atentar a preocupação em não ser tendencioso ou se deixar levar por influência alheia ao conteúdo avaliado. Sendo assim, mesmo em se tratando das tendências ideológicas e políticas implícitas em todo o processo pedagógico, manter uma postura ética moral condizente com o magistério, faz-se necessário.

Dependendo do modo como o professor compreende e situa sua disciplina no contexto da educação escolar e, de modo mais abrangente, a maneira como ele entende o próprio sentido da Educação institucionalizada, os instrumentos avaliativos escolhidos por ele serão ou não colaboradores da aprendizagem efetiva e do desenvolvimento da autonomia de seus alunos. Desse modo, as escolhas do professor por este ou aquele instrumento avaliativo, interferem diretamente nos resultados que serão obtidos através deles.

O professor de filosofia tem que ter bastante clareza sobre os conteúdos a serem ministrados, a especificidade da disciplina e as necessidades de

aprendizagem dos alunos. Assim, o primeiro aspecto a ser levado em conta na avaliação é decidir o que se vai avaliar e para que isso seja possível, há que se ter bem claro o que vai lecionar-se. É esta a primeira e a mais essencial escolha que o professor deve fazer e, também, a que vai determinar a qualidade de sua avaliação: saber identificar os aspectos fundamentais do conteúdo ministrado, os quais permitirão primeiro, ao professor orientar-se com segurança na sua tarefa de ensinar e, segundo, ao estudante guia-ser com segurança na compreensão e na aprendizagem da Filosofia.

O critério essencial e necessário para a avaliação mediadora é que o professor conheça seu aluno, ou seja, o professor deve conhecer sua realidade, compreender sua cultura, seu modo de falar, e pensar, e isto se dá através de perguntas, fazendo-lhe novas e desafiadoras questões, na busca de alternativas para uma ação educativa voltada para a autonomia moral e intelectual (HOFFMANN, 2000, p. 34).

Conforme, pode-se analisar, a avaliação mediadora destina-se a conhecer, não apenas para compreender, mas também para promover ações em benefícios aos educandos. O professor tem a responsabilidade de através de uma prática reflexiva conhecer o seu aluno e identificar a maneira adequada de promover a aprendizagem do mesmo.

2.2 EDUCAÇÃO NO BRASIL

A formação plena do cidadão brasileiro através do sistema público de ensino, ao longo de sua construção histórica tem sido questionada em decorrência do fracasso escolar que é público e notório. Muitos fatores são considerados critérios de análise na busca de solucionar e reconstruir esta realidade. Os meios utilizados pelo governo federal como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais/Ministério da Educação (INEP/MEC) e busca representar a qualidade da educação a partir da observação de dois aspectos: o fluxo (progressão ao longo dos anos) e o desenvolvimento dos alunos (aprendizado). O Exame Nacional do Ensino Médio

(ENEM) é uma prova elaborada pelo Ministério da Educação para verificar o domínio de competências e habilidades dos estudantes que concluíram o ensino médio.

Há, hoje em dia, grande consenso em conferir à avaliação um papel estratégico nos processos de mudanças e nas reformas educacionais. O Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), vem obtendo informações sobre o desempenho dos alunos brasileiros desde 1990, através do Sistema Nacional de Avaliação da Educação - Saeb (FONTANIVE e KLEIN, 2000, p.409).

Por fim, o objetivo do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) é o de acompanhar o processo de aprendizagem e o desempenho acadêmico dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação, suas habilidades para ajustamento às exigências decorrentes da evolução do conhecimento e suas competências para compreender temas exteriores ao âmbito específico de sua profissão, ligados à realidade brasileira e mundial e a outras áreas do conhecimento.

Seus resultados poderão produzir dados por instituição de educação superior, categoria administrativa, organização acadêmica, município, estado e região. Assim, serão constituídos referenciais que permitam a definição de ações voltadas para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação, por parte de professores, técnicos, dirigentes e autoridades educacionais. Na perspectiva desta reconstrução, a Avaliação da Aprendizagem é um dos elementos centrais de análise neste trabalho.

O significado da palavra avaliação é o de determinar o objeto ou o sujeito a ser medido. Pois, esta determinação vai de encontro com o que é a avaliação nos dias atuais, quando se busca atribuir valor a um ato praticado por alguém, quando queremos alcançar a valia ou valor atribuído ao grau de importância de um objeto ou ação do sujeito. Nesse sentido, Vasconcellos (2002), acrescenta que avaliação é um julgamento sobre uma realidade concreta ou sobre uma prática fundamentada em critérios previamente estabelecidos.

No decurso do processo pedagógico, a avaliação pela sua própria natureza, representa a determinação de um valor que o professor atribui à ação do aluno tendo como parâmetro a construção do conhecimento pelo mesmo. Assim, a avaliação é uma tarefa didática e permanente da prática docente que deve sistematicamente acompanhar, passo a passo, o processo de ensino e de

aprendizagem. Desse modo, na opinião de Hoffmann (2006), “a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas”.

O trabalho pedagógico deve estar em consonância com o conteúdo e a qualidade do ensino aprendizagem realizado pelo professor e em especial, sua forma de atribuir um formato ou modelo de avaliação que possa ser um parâmetro/instrumento didático para a construção do conhecimento do aluno. O professor deve estar de maneira permanente acompanhando o desenvolvimento e o potencial de cada indivíduo que esteja sob sua tutela, sua responsabilidade enquanto professor.

O docente deve ter claro que sua missão estará sempre inacabada, tudo evolui, tudo se modifica e nossos alunos não são diferentes, precisa-se acompanhar a evolução neste mundo globalizado em constante aperfeiçoamento para que o conhecimento dos professores não se torne o conhecimento do mesmo, obsoleto sem atingir a finalidade que é avaliar com intuito de contribuir com ensino aprendizagem que é a finalidade primordial da escola.

O que se espera é que através de um novo jeito de avaliar, tenha-se um novo modelo de educar, e que saiba entender esta formação crítico-humanística capaz de gerar uma consciência ampla para enfrentar as problemáticas sociais da globalização e das novas realidades tecnológicas, bem como novos avanços científicos.

A avaliação de um processo educacional precisa identificar se a escola pensa em termos de requisitos para o preparo profissional associado à formação crítico-humanista, ou seja, se as práticas educacionais são capazes de gerar uma consciência crítica, aberta à problemática social, e de definir o posicionamento e ações ante os grandes problemas de um mundo globalizado pelo processo tecnológico e pelas imposições de novas relações econômicas. A avaliação educacional não deve ter um caráter exclusivamente pedagógico. Apesar da importância desse aspecto, parece-nos fundamental a sua natureza social, com a identificação de interações de variáveis relacionadas ao mundo maior da própria sociedade. (VIANNA, 1998, p.149).

A avaliação, como forma de medição, não pode ser o centro do processo de aprendizagem, mas sim, um dos aspectos de toda uma engrenagem que tem por objetivo resultar na construção do saber de cada ser humano. Investir na formação do professor é de suma importância para obtenção de profissionais qualificados para

atuar com equilíbrio e maturidade nas diversas situações encontradas em sala de aula.

Pode-se colocar como ponto importante também, o envolvimento da comunidade, ou seja, dos pais como responsáveis, que podem e devem contribuir com o desenvolvimento educacional de seus filhos.

Um processo educacional deve proporcionar uma formação crítico-humanística em que o sujeito, dentro de uma consciência crítica, esteja apto às problemáticas do mundo globalizado. As várias formas de avaliação adotadas por cada professor, não devem ter um caráter exclusivamente pedagógico, sem antes, contribuir para uma formação contínua e emancipatória de cada indivíduo.

2.3 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Para podermos entender melhor quais foram as primeiras motivações que levaram ao surgimento dos primeiros questionamentos ou preocupação com relação a uma forma de medição, avaliação e até mesmo como forma de direcionar ou redirecionar os caminhos do ensino aprendizagem nos tempos mais longínquos da humanidade aos tempos modernos, o que se faz necessário observarmos os trabalhos de Manh, apud Vianna (1991):

As primeiras tentativas de utilização de métodos mais objetivos de avaliação do desempenho escolar do aluno, somente surgiram a partir do século XIX, nos Estados Unidos e criou um sistema de testagem. Segundo a história, uma controvérsia entre Manh e os comitês das escolas americanas sobre a qualidade da educação, o que fez com que ele propusesse a experimentação de um sistema uniforme de exame em uma selecionada de estudantes das escolas públicas de Boston. Através dos resultados dessa experiência, Manh criou métodos que demonstram a qualidade da educação e sugeriu a possibilidade de se fazerem testes nos programas em larga escala, com a finalidade de sugerir melhorias nos padrões educacionais (VIANNA, 1991, p.7).

A preocupação com relação à avaliação nas suas mais variadas formas e aplicações tem sido percebida a sua importância desde o século XIX nos Estados Unidos devido à necessidade de encontrar soluções para os mais variados problemas encontrados nos sistema educacional Americano.

O que se pode observar é que aquela preocupação ocorrida há dois séculos, produziu um sistema de medição que possibilitou que se chegasse a um padrão de qualidade que tornara aquela nação uma das mais prospera e evoluída do mundo Vianna (1991). É importante frisar que as reflexões, debates e outras formas de manifestações em favor de melhorias que se fazem constantemente pela educação de qualidade nas reuniões de formação continuada dos docentes, reunião pedagógica, planejamento/replanejamento são necessárias na manutenção de um projeto que viabilize um ensino padrão a níveis internacionais para todos os brasileiros.

O papel de todos os profissionais envolvidos na área de educação no Brasil deve ser o de construir bases solidas com projetos ambiciosos, mas, que se possa executar realmente e que não se torne uma utopia.

Na concepção do processo educacional, a análise da dinâmica nos conduz à percepção da posição central e indispensável da avaliação, dentro de um processo que começa com o estabelecimento de objetivos e prossegue com a escolha do método e dos critérios.

2.4 SISTEMA DE AVALIAÇÃO

Percebe-se que o sistema nacional de avaliação, varia de estados para estado. Todas essas iniciativas indicam a progressiva institucionalização da avaliação como mecanismo importante para subsidiar o processo de formulação e monitoramento de políticas públicas responsáveis e transparentes que devem nortear o aprimoramento de ações de melhoria da aprendizagem.

O sistema de avaliação da aprendizagem é um ato de amor, já que a avaliação é por si só, um ato integrativo, inclusivo, há uma distinção entre julgamento e avaliação, diz que o julgamento define uma situação, do ponto de vista do sim e do não, do certo e do errado; a avaliação acolhe alguma coisa, ato, pessoa ou situação, reconhece-a como é (diagnóstico) para agir; não há uma separação entre o certo e o errado; há o que existe e esta situação que existe é acolhida para ser modificada (LUCKESI, 1998).

Nesta perspectiva, este mesmo autor, apontada que é possível analisar os instrumentos utilizados nas avaliações, não devendo amedrontar ou chantagiar o aluno, mas para redirecioná-lo ao caminho da construção do seu saber.

Na avaliação não há seleção e exclusão, a avaliação da aprendizagem é vista como um “ato amoroso, no sentido de que a avaliação por si é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo”, tem portanto, objetivo de diagnosticar, acolher e reincluir o educando, pelos mais variados meios, no processo de aprendizagem, de tal forma que integre todas as suas experiências de vida (LUCKESI, 2000, p. 172).

A avaliação da aprendizagem tem por objetivo, diagnosticar e acolher o aluno, dando a ele, possibilidade de vislumbrar seu próprio avanço, seu crescimento, seu nível de aprendizagem afim de, possibilitar uma leitura aproximada de qual o momento propício para fazer mudanças ou redirecionar para uma melhor qualificação do ensino aprendizagem de cada individuo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Bento Mossurunga, localizado à Avenida Aracajú, esquina com a Travessa Içá, nº 1590, no município de Umuarama, Estado do Paraná.

O Colégio supracitado fundado no ano de 1970 é privilegiado por sua localização de fácil acesso entre bairros populosos do município, abrangendo alunos na faixa etária compreendida entre 10 (dez) e 20 (vinte) anos.

Atualmente, funciona em três turnos (Manhã, Tarde e Noite), ofertando à comunidade o Ensino Regular Fundamental de 5ª a 8ª Séries; o Ensino Regular Médio de 1ª a 3ª séries e o Ensino Profissionalizante através da Formação de Docentes para séries iniciais do Ensino Fundamental (Magistério).

O colégio conta hoje, em sua maioria, com professores do QPM (Quadro Próprio do Magistério), concursados e Pós-graduados, com funcionários capacitados, e com alto grau de competência e excelente qualificação e preparo para o trabalho.

Possui uma área de (11.200m²) onze mil e duzentos metros quadrados, que comporta: dezessete salas de aula equipadas com um aparelho de televisão TV Multimídia, Sala de Informática, Biblioteca, Sala com equipamentos audiovisuais, Salas de Direção, Professores, Equipe Pedagógica e uma sala destinada ao cumprimento de Hora Atividade, Banheiros Cantina, Residência para Zeladores e um Estacionamento.

O Colégio Estadual Bento Mossurunga, recebeu este nome em homenagem ao músico paranaense Maestro Bento João de Albuquerque Mossurunga. (PPP, 2012).

3.2 TIPO DE PESQUISA

Para a realização desta pesquisa e interpretação dos dados coletados, foram utilizadas avaliações objetiva e subjetiva com os alunos, buscando entender como fora desenvolvida a prática da avaliação da aprendizagem com os alunos por amostragem.

O universo da pesquisa foi constituído por um total de 42 (quarenta e dois) alunos matriculados, sendo que destes, o total de 10 (dez) são desistentes. Participaram da amostra da pesquisa, como sujeitos, 13 (treze) alunos que foram selecionados levando em conta os de números pares, como critério.

Buscou-se compreender como se dá a socialização do saber, numa relação estreita com a riqueza teórica acumulada e com a ampla potencialidade disponível para a compreensão do aprender, descobrir melhor o papel da avaliação no ensino aprendizagem possibilitando a formação de uma nova cultura de avaliação caracterizada pela prática transformadora.

Detectaram-se os entraves do processo vivido, a partir de prova objetiva e subjetiva com os alunos, para possíveis buscas de soluções.

A avaliação mediadora foi caracterizada como parte integrante do processo de construção do conhecimento e da aprendizagem que fundamentam as práticas avaliativas no Ensino Médio, na disciplina de Filosofia. Foram também propostas ações necessárias à melhoria da qualidade do processo avaliativo, subsidiando a Instituição na tomada de decisões no que se refere à avaliação do ensino aprendizagem.

3.3 COLETA DE DADOS

Nesta coleta de dados, foram analisados alguns aspectos e concepções da avaliação enquanto instrumento utilizado pelo professor na disciplina de Filosofia, considerando também a contribuição dos alunos na obtenção dos dados como sugestão para a melhoria e descoberta do papel da avaliação no processo ensino-aprendizagem e dos pontos positivos e negativos.

Utilizando-se dos conhecimentos teóricos e práticos na compreensão e interpretação dos fenômenos estudados, segundo Ludke e André (1986, p.31), “a parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais dos pesquisados, feitas durante a fase de coleta de dados”.

Para a análise e interpretação dos dados coletados buscou-se captar o essencial referente à prática da avaliação da aprendizagem de alguns alunos da turma de 1º ano, como foi citado acima.

Foi realizada através de questionários compostos de questões abertas e fechadas, com o intuito de identificar as concepções teórico-práticas, possíveis fragilidades e indícios de avanços no ensino aprendizagem.

A experiência nas áreas de pesquisa e avaliação, particularmente em avaliações de estilo qualitativo e participativo é requisito necessário ao avaliador que se propõe a conduzir avaliações no paradigma da avaliação emancipatória. A par da experiência, é necessário que ele reúna habilidades de relacionamento interpessoal, uma vez que a proposta enfatiza, em todos os seus momentos, o trabalho coletivo. (SAUL, 1991, p. 63).

A concepção de avaliação proposta pela autora é contrária à concepção de avaliação autoritária, pois além de objetivar a modificação de um processo, procura eliminar o autoritarismo do professor com imposição de uma metodologia acrítica, em prol de uma análise reflexiva do professor e do aluno.

Todo este esforço no que se refere ao aprimoramento das técnicas de avaliação, deve promover ao sujeito, um amadurecimento responsável pela sua própria dignidade humana, social, sócio política e principalmente, emancipatória.

A aplicação de método de avaliação qualitativo, embasado num estilo metodológico adequado ao conteúdo ministrado, produz condições apropriadas para a emancipação do sujeito, potencializando suas experiências e habilidades que culminara num ensino aprendizagem de qualidade.

A educação para produzir resultados qualitativos necessita trilhar caminhos que possam promover o chamado relacionamento interpessoal dando ênfase ao trabalho coletivo afim de, possibilitar aos alunos uma capacidade critica reflexiva, capacidade de enfrentar a realidade do mundo atual e aprender os múltiplos avanços das tecnologias dos sistemas globalizados.

A tabela abaixo demonstra os instrumentos mais utilizados no processo de avaliação.

**TABELA 1- INSTRUMENTOS MAIS UTILIZADOS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO.
COLÉGIO ESTADUAL BENTO MOSSURUNGA. 2013.**

Instrumentos mais utilizados para avaliar os alunos	Resposta proporcional para cada requisito	Resultados (%)
Produção oral Individual	03	23,08
Produção escrita individual	11	84,62
Teste oral	02	15,38
Teste escrito	10	76,92
Trabalho em grupo com exposição oral	10	76,92
Trabalho em grupo escrito	09	69,23
Pesquisa bibliográfica	01	7,69
Prova escrita individual	13	100
Prova com pesquisa	09	69,23
Prova escrita em equipe	05	38,46
Seminários	02	15,38

Fonte: dados da pesquisa.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa possibilitou a realização de uma leitura aproximada da realidade de como está à percepção dos alunos diante das varias formas de avaliações praticadas em sala de aula. Percebemos que a produção oral individual não foi tão bem pontuada, devido ao medo de demonstrar seu conhecimento nesta forma direta com o professor. Olhar nos olhos do professor, muitas vezes é difícil emocionalmente, pelo esquecimento do conteúdo, talvez a questão do autoritarismo visto na pessoa do professor e principalmente pelo domínio do professor em relação ao conteúdo específico.

A produção escrita individual foi bem pontuada por ser uma das modalidades de avaliação mais praticadas pelos professores. Entende-se aqui, que o aluno prefere esta, em detrimento a primeira, por entender que na avaliação escrita, não necessita a sua exposição, como ocorre na avaliação oral.

O teste oral tem uma aceitação mínima, por que na sua grande maioria, os alunos tornam-se amedrontados, apresentando algum tipo de bloqueio em relação ao fato de se colocar a frente da turma para expor uma determinada ideia.

O que se pode perceber que nas outras três modalidades, como teste escrito, o trabalho em grupo mesmo com exposição oral e trabalho em grupo escrito, são

mais aceites pelos alunos, mas mesmo assim, um ou outro contesta este tipo de avaliação, devido à necessidade exposição.

Os resultados da pesquisa apresentaram baixa aceitação, estando dentro do esperado. Pois, sabe-se que na maioria das vezes, o aluno tem muita dificuldade em produzir um trabalho com qualidade e muitas vezes, os trabalhos são aceites sem critérios de qualidade. Esse processo não contribui para o ensino aprendizagem.

Por fim, os quatro últimos itens, mostram-se contraditórios. Ao analisar os mesmos de baixo para cima, percebe-se um aspecto inesperado, ao qual demonstra, que prova escrita e em grupo, possa ter tanta rejeição em relação à prova escrita individual. Talvez, o que se justifica são os seminários, por ter que fazer apresentações ao público e por isso, tão baixa aprovação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a percentagem, pode-se analisar que, as provas escritas são as mais utilizadas pelos professores na hora de avaliar: 76,92% (setenta e seis vírgula noventa e dois por cento) dos professores não fazem uso de seminários ou prova oral que poderiam trazer, talvez, resultados mais satisfatórios.

Percebe-se que em se tratando de trabalho, seminário ou avaliação oral, não são instrumentos muito utilizados pela maioria dos professores desta turma. O modelo tradicional é ainda o mais comum e o mais praticado pelos docentes, pois, acredita-se que o uso daqueles instrumentos dificulta o trabalho aos professores e, por isso, são menos utilizados.

A este respeito, Romão (1999, p. 84) salienta que “nas instituições de ensino predominam a avaliação de conteúdos do soberano instrumento das provas”.

Para este autor, sendo a avaliação um dos processos pedagógicos mais importantes, pode-se afirmar, por analogia, que as instituições de ensino socializam através de avaliação, mas não de uma maneira mecanicista. Assim, as diferentes modalidades de avaliações têm, elas próprias, impactos muito diferentes na socialização dos alunos e nem todas são igualmente funcionais para o trabalho pedagógico.

Para Luckesi (1996), em decorrência de padrões históricos sociais, que se tornaram crônicos em nossas práticas pedagógicas escolares, “a avaliação no ensino médio assumiu a prática de provas e exames, o que gerou um desvio no uso da avaliação”. O autor entende que a avaliação se tornou um meio para classificar os educandos e decidir sobre os seus destinos no momento subsequente de suas vidas escolares.

Com um olhar mais atento, podemos dizer que há um impacto importante nas relações que se estabelecem entre professores e alunos em nome da avaliação, portanto:

Uma vez estabelecidos os procedimentos de avaliação, os instrumentos e as medidas, a atribuição de conceitos e a sua aplicação, ou seja, as classificações, seguindo determinados padrões, passam (esses procedimentos) a serem vistos como atividades técnicas e neutras ao invés de formas interpretativas e expressivas das relações sociais que estão incorporadas dentro da própria idéia de avaliação. (BARBOSA, et. al, 1991, p.2).

Como podemos observar, há uma relação de compromisso, alienação e aproximação do professor com seus alunos. No entendimento de Hoffmann (2000, p. 143), “o professor dá sua aula, o aluno pega as explicações e cumpre as tarefas. A hipótese que a autora enuncia é que tal visão de conhecimento está vinculada à prática autoritária da avaliação”.

4.1 AÇÕES NECESSÁRIAS PARA MELHORAR A QUALIDADE DA AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Com relação às ações necessárias para melhorar a qualidade da avaliação no processo de aprendizagem, há alguns pontos importantes e relevantes levantados pelos alunos, tais como: métodos adequados e auxiliares de ensino, além do uso de diferentes formas de avaliações, não se restringindo apenas as provas teóricas.

Estas respostas sugerem ações necessárias para melhorar a qualidade da avaliação no processo ensino aprendizagem, reforçam as respostas às questões sobre os instrumentos utilizados pelos professores para avaliar os alunos.

Aluno 1:

“A avaliação é um método de avaliar o conhecimento e a capacidade do aluno sobre um específico tema e nos ajudam a fixar a matéria, provocando o estímulo e necessariamente o raciocínio.”

Aluno 2:

“O professor tem que estar atendo ao uso de uma metodologia adequada com o objetivo de sair da mesmice e procurar métodos que auxilie os alunos.”

Aluno 3:

“É importante que o professor faça uma avaliação mais ampla, e não só através de provas, porque as provas nem sempre medem o conhecimento global dos alunos. Um trabalho através de seminários pode ser uma forma de avaliação.”

Os alunos pedem novas propostas, uma nova postura do professor no ato de avaliar.

No depoimento dos alunos com relação a suas concepções de avaliação, percebe-se que eles não são ceticamente contrários às avaliações, mas pontuam

que é preciso fazer com que este instrumento possa contribuir com uma análise profunda do caminho tomado pelo professor e a obtenção do conhecimento por parte do aluno.

O barulho em sala de aula é um dos pontos negativos do qual mais atrapalha a aprendizagem. A cobrança de conteúdos não explicados ou não ofertados é outro ponto questionado. Devido à questão do tempo e o chamado “decoreba” também contribuem para as notas baixas.

Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático que não propicia a transformação nem o crescimento com a função diagnóstica, ao contrário, a avaliação constitui-se num momento dialético do processo de avaliar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia.

Como diagnóstico ele será um momento dialético de senso do estágio em que se está e de sua distância em relação à perspectiva que está colocada como ponto a ser atingido à frente. A função classificatória subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é constitutivo, a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação, quanto ela está avaliando uma ação. (LUCKESI, 1995, p. 35).

O elemento essencial para que se dê a avaliação desejada pelos alunos em questão, e que possibilitará a melhoria da qualidade no processo de ensino-aprendizagem, que no entendimento de Luckesi (1995, p. 43) [...] “é o resgate de sua função diagnóstica.” Compreende-se que para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, e funcionar como instrumento de identificação de novas práticas que apontem para transformação do processo ensino-aprendizagem. A avaliação precisa ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos.

Pode-se inferir que através das ações propostas, é possível verificar em que medida a ação pedagógica atendeu aos objetivos a serem alcançados. Desta forma, a partir da prática da avaliação, o aluno conseguirá fixar suas novas necessidades e o professor poderá conhecer a eficiência do seu trabalho. Processada com cuidados adequados a avaliação traduz as relações entre o professor e o aluno.

Qualquer que seja o tipo de instrumentos utilizados, por meio da prática da avaliação de cunho transformador pode-se verificar tanto o que o aluno é capaz de aprender como o que o professor conhece. Hoffmann (2000) salienta que, só é

possível avaliar aquilo que se conhece. Daí, a experiência e o amadurecimento profissional do professor influir profundamente na maneira de avaliar do professor.

4.2 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA AVALIAÇÃO

Quanto aos pontos positivos e negativos da avaliação, os alunos entrevistados parecem implicar-se na sua maioria, com os aspectos negativos da mesma, embora alguns se manifestem dizendo que o aspecto positivo é fazer com que o aluno se prepare melhor para as provas.

A maioria dos depoimentos evidencia uma vez mais os aspectos negativos da perspectiva autoritária da avaliação, com a intenção de classificar os alunos num determinado nível de aprendizagem, a partir de avaliações praticas através de provas.

Por outro lado, é interessante analisar que, a avaliação tem seu aspecto positivo se levar o aluno e o professor a pensar no processo da aprendizagem, tem que ser preparada com antecedência e deve envolver vários instrumentos mais aceitos pelos alunos.

As considerações feitas até aqui, revelam uma perspectiva autoritária da avaliação. Para Perrenoud (1993), o abandono da avaliação tradicional (entendida como a que enfatiza a qualidade e exatidão de informações reproduzida) em favor da emancipatória, aquela que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar como também, requer mudança na organização do trabalho pedagógico, na gestão da turma, assim como atenção especial aos alunos com dificuldades.

4.3 PAPEL DO CORPO DOCENTE NA BUSCA DE NOVAS FORMAS DE AVALIAÇÃO

O presente trabalho de pesquisa teve como base de investigação as problemáticas acerca de algumas práticas avaliativas no cotidiano do contexto educacional. Nessa perspectiva, a educação é conhecida como mera transmissão e memorização de informações prontas e o aluno é visto como um ser passivo e receptivo.

Dentre outras formas de analisar, pôde-se perceber que, na concepção emancipatória, a avaliação da aprendizagem está ligada a uma prática pedagógica transformadora, isto é, uma visão de educação que considera a reciprocidade mútua do professor e aluno, para o processo de conhecimento que está inter-relacionado ao processo de conscientização dos sujeitos. Com uma leitura mais apurada das práticas avaliativas escolar no processo ensino-aprendizagem, os diferentes pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a prática pedagógica tornaram-se mais evidentes.

Na concepção autoritária, a problemática da avaliação passa pela testagem e medida do comportamento dos alunos, enquanto que a concepção emancipatória busca nas correntes qualitativas, questionamentos para as limitações do aparato burocrático padronizado nas instituições de ensino.

Tal situação foi evidenciada através da pesquisa empírica realizada junto aos alunos do ensino Médio. Os interlocutores da pesquisa manifestaram em seus depoimentos uma prática avaliativa marcada pelo rendimento e medida do conteúdo aplicado em sala de aula.

Verificou-se que os alunos sugerem uma compreensão de avaliação caracterizada por uma concepção mais direcionada à totalidade do processo de ensino, isto é, que caracterizem o processo avaliativo como contínuo do ensino e da aprendizagem.

Estas informações nos fornecem dados que apontam para a necessidade da criação de uma prática avaliativa de cunho emancipatória, interessada na consolidação democrática.

É possível que o estabelecimento dos critérios para a avaliação deva ser discutido pelos professores, alunos, pedagogos, secretários e pais tanto na proposta, quanto nos resultados, pois estabelecer critérios de avaliação é também uma construção coletiva.

Dentro de um pensamento crítico e reflexivo e com base nas informações acima mencionadas, uma das soluções é a de formar professores comprometidos com a avaliação emancipatória. A formação de cidadão consciente, capaz de atuar em grupo, criativo, comunicativo e em condições de adaptar-se a novas situações, requer instituições de ensino e profissionais da educação com as mesmas características.

É importante tomarmos os devidos cuidados quando propomos mudanças que vão descaracterizar o que o professor é, seu perfil ou aquilo que ele acredita, pois pode não levar a mudanças duradouras de sua prática, daí a importância de se investir na qualificação pedagógico; pois não há desenvolvimento do aluno sem o desenvolvimento do professor (PERRENOUD, 1993).

O trabalho do professor deve estar comprometido com uma prática avaliativa problematizadora e transformadora, procurando desmistificar, questionar situações vivenciadas pelos alunos, valorizando a cultura e a linguagem dos mesmos, criando condições de diálogo e reflexão. Desta forma, haverá preocupação com cada aluno em si, com o processo e não com o produto de aprendizagem padronizado, de acordo com as explicações de Vasconcellos (1998).

No processo de avaliação proposto, tanto os alunos como os professores saberão quais suas dificuldades e seus progressos.

Assim, na concepção emancipatória aqui proposta, a ação educativa pressupõe, tanto uma reflexão sobre a pessoa, como uma análise sobre o contexto onde vive essa pessoa. Neste sentido, o contexto das relações sociais dos alunos se caracteriza como ponto de partida para o trabalho docente.

A problematização marca o processo de ensino e aprendizagem e se determina pelo diálogo, pela cooperação, pela união, isto porque a emancipação se faz a partir da reflexão e da ação. Portanto, pela reflexão e ação, o trabalho do professor se direciona a uma prática pedagógica libertadora.

Portanto, o que foi alcançado através desta pesquisa, servirá como um norte na preparação nos planos de aula e principalmente na forma de cobrar os conteúdos ministrados em sala de aula, potencializado os instrumentos de avaliação já utilizados anteriormente em sala de aula com o intuito de permitir um ensino aprendizagem mais qualitativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, pode-se observar a presença quase absoluta da avaliação teórica aplicada aos alunos, como método avaliativo geral da qualidade da aprendizagem. Porém tais métodos, não suprem as necessidades atuais. Para tal, propõe-se aos professores e aos demais participantes do corpo de ensinos, a criação de novos métodos de avaliação que permitam aos mesmos, questionar situações vivenciadas pelos alunos, valorizar a cultura e a linguagem dos mesmos, criando condições de diálogo e reflexão, ao qual auxiliarão em uma melhor aprendizagem.

A presente pesquisa teve como base de investigação as problemáticas acerca de algumas práticas avaliativas no cotidiano do contexto educacional. Nessa perspectiva, a educação é conhecida como mera transmissão e memorização de informações prontas e o aluno é visto como um ser passivo e receptivo.

Dentre outras formas de analisar, pôde-se perceber que, na concepção emancipatória, a avaliação da aprendizagem está ligada a uma prática pedagógica transformadora, isto é, uma visão de educação que considera a reciprocidade mútua do professor e aluno, para o processo de conhecimento que está inter-relacionado ao processo de conscientização dos sujeitos. Com uma leitura mais apurada das práticas avaliativas escolar no processo ensino-aprendizagem, os diferentes pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a prática pedagógica tornaram-se mais evidentes.

Na concepção autoritária, a problemática da avaliação passa pela testagem e medida do comportamento dos alunos; enquanto que a concepção emancipatória busca nas correntes qualitativas, questionamentos para as limitações do aparato burocrático padronizado nas instituições de ensino.

Tal situação foi evidenciada através da pesquisa empírica realizada junto aos alunos do ensino Médio. Os interlocutores da pesquisa manifestaram em seus depoimentos uma prática avaliativa marcada pelo rendimento e medida do conteúdo aplicado em sala de aula.

Verificou-se que os alunos sugerem uma compreensão de avaliação caracterizada por uma concepção mais direcionada à totalidade do processo de

ensino, isto é, que caracterizem o processo avaliativo como contínuo do ensino e da aprendizagem.

Estas informações nos fornecem dados que apontam para a necessidade da criação de uma prática avaliativa de cunho emancipatória, interessada na consolidação democrática.

É possível que o estabelecimento dos critérios para a avaliação devam ser discutidos por professores, alunos, pedagogos, secretários e pais tanto na proposta, quanto nos resultados; pois estabelecer critérios de avaliação é também uma construção coletiva.

Dentro de um pensamento crítico e reflexivo e com base nas informações acima mencionadas, uma das soluções é a de formar professores comprometidos com a avaliação emancipatória. A formação de cidadão consciente, capaz de atuar em grupo, criativo, comunicativo e em condições de adaptar-se a novas situações, requer instituições de ensino e profissionais da educação com as mesmas características.

O trabalho do professor deve estar comprometido com uma prática avaliativa problematizadora e transformadora, procurando desmistificar, questionar situações vivenciadas pelos alunos, valorizando a cultura e a linguagem dos mesmos, criando condições de diálogo e reflexão. Desta forma, haverá preocupação com cada aluno em si, com o processo e não com o produto de aprendizagem padronizado, de acordo com as explicações de Vasconcellos (1998).

No processo de avaliação proposto, tanto os alunos como os professores saberão quais suas dificuldades e seus progressos.

Assim, na concepção emancipatória aqui proposta, a ação educativa pressupõe, tanto uma reflexão sobre a pessoa, como uma análise sobre o contexto onde vive essa pessoa. Neste sentido, o contexto das relações sociais dos alunos se caracteriza como ponto de partida para o trabalho docente.

A problematização marca o processo de ensino e aprendizagem e se determina pelo diálogo, pela cooperação, pela união, isto porque a emancipação se faz a partir da reflexão e da ação. Portanto, pela reflexão e ação, o trabalho do professor se direciona a uma prática pedagógica libertadora.

Portanto, o que foi alcançado através desta pesquisa, servirá como um norte na preparação nos planos de aula e principalmente na forma de cobrar os conteúdos ministrados em sala de aula, potencializando os instrumentos de avaliação já

utilizados anteriormente em sala de aula com o intuito de permitir um ensino aprendizagem mais qualitativo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. S.; VIDIGAL, C. C.; CUNHA, N. R. S. **Algumas reflexões sobre o processo de avaliação do curso de administração realizada na UFV**, São Paulo: ANPED, 1991.

FONTANIVE, N. S. e KLEIN, R. **Uma visão sobre o sistema de avaliação da educação básica no Brasil – SAEB. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**. Rio Comprido, v.8, no.29, pp.409-442, 2000.

GARCIA, R. L. **A avaliação e suas implicações no fracasso / sucesso**. Em: ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 2a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 29-49.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2000.

_____. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar: Além do autoritarismo**. Em: Educando, AMAE, 1998.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PACHECO, C. S. G. R. **ASPECTOS teóricos da avaliação do processo de ensino e aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/aspectos-teoricos-da-avaliacao-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem/49377/>>. Acesso em: 10 de jan. de 2013.

PERRENOUD, P. (1993) **Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistêmica da mudança pedagógica**. In: ESTRELA, A. NÓVOA, A. Ed. **Avaliação em Educação**. (171 – 173). Nova Perspectiva. Porto Editora, Portugal.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio Estadual Bento Mossurunga. Disponível em: <http://www.umrbmossurunga.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/28/2830/36/arquivos/File/PPP09122011_formatado.pdf>. Acesso em: 18 de jan. 2013.

ROMÃO, J. E. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação do currículo**. São Paulo: Cortez, 1991.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da aprendizagem. Práticas de mudança**. São Paulo: Libertad, 1998.

_____. **Avaliação: Superação da Lógica Classificatória e Excludente: do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem**, 4 ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VIANNA, H. M. **Introdução a Avaliação Educacional**. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1991.

_____. **Medidas da qualidade em educação** – Apresentação de um modelo. Em: Estudos em avaliação educacional. nº 2, jul/dez. 1998.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A

Questionário de avaliação com os alunos.

Assinale os instrumentos mais utilizados pelos professores em sala de aula como forma de avaliação da aprendizagem:

- Produção oral individual
- Produção escrita individual
- Teste oral
- Teste escrito
- Trabalho em grupo com exposição oral
- Trabalho em grupo escrito
- Pesquisa bibliográfica
- Prova escrita individual
- Prova com consulta
- Prova escrita em equipe
- Seminários

APÊDICE B

1ª Parte:

1. QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO?

- Aluno 1

“Eu penso que a avaliação é de extrema importância para o professor observar o quanto o aluno realmente aprendeu”.

- Aluno 2

“Eu acho legal, é uma forma da escola e do professor saber como está a aprendizagem do aluno, se o professor (a) está ensinando bem.”

- Aluno 3

“A avaliação é um método de avaliar o conhecimento e a capacidade do aluno sobre um específico tema.”

- Aluno 4

“Prova é difícil, já a recuperação, na maioria das vezes, mais prejudica do que ajuda.”

- Aluno 5

“É o espaço onde expomos nosso aprendizado, concretizando os ensinamentos dos professores.”

- Aluno 6

“A avaliação é um método de avaliar o conhecimento e a capacidade do aluno sobre um específico tema e nos ajudam a fixar a matéria, provocando o estímulo e necessariamente o raciocínio.”

2. CITE OS PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA AVALIAÇÃO.

2.1. Positivos

- Aluno 1

“Os trabalhos em grupos ajudam bastante.”

- Aluno 2

“Ajuda a medir nossos conhecimentos e desenvolvimento dos alunos na escola.”

- Aluno 3

“Nos ajuda a fixar a matéria, estimula o raciocínio.”

- Aluno 4

“Seu ponto alto é o de ajudar a fixar o conteúdo e dar um norte para o aluno naquilo que está mais deficiente e precisa melhorar.”

- Aluno 5

“Ajuda a medir nossos conhecimentos e desenvolvimento dos alunos na escola.”

- Aluno 6

“O professor tem que estar atendo ao uso de uma metodologia adequada com o objetivo de sair da mesmice e procurar métodos que auxilie os alunos.”

2.2. Negativos

- Aluno 1

“Por falta de tempo, não aprendemos, só decoramos, é como se tivéssemos memória fotográfica.”

- Aluno 2

“Poucos trabalhos e prova individual.”

- Aluno 3

“Cobrança de conteúdo não aplicado e não necessário.”

- Aluno 4

“Muito difícil, alguns alunos não ficam quietos na sala de aula e isso prejudica quem está fazendo. Algumas vezes os professores enrolam na hora da prova e o tempo fica curto e por parte de alguns alunos ocorre a falta de interesse.”

- Aluno 5

“Poucos trabalhos e prova individual.”

- Aluno 6

“Cobrança de conteúdo não aplicado e não necessário.”

2ª Parte:

1. O QUE VOCÊ PROPÕE PARA MELHORAR AS PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO?

- Aluno 1

“A escola pode adotar métodos avaliativos da seguinte maneira: aplicar as atividades e no final das aulas o professor atribuir um mais (+) “pois”, os alunos sabendo que estão sendo avaliados em cada aula e que só no fim do bimestre o professor soma os mais (+) e atribui a nota ao aluno.”

- Aluno 2

“Pesquisa, ter uma semana marcada para prova, e outra para a recuperação.”

- Aluno 3

“Cobramos questões de vestibular.”

- Aluno 4

“O professor tem que estar atento à sua pedagogia na sala de aula. Tem que sair da mesmice e procurar métodos de chamar a atenção dos alunos.”

- Aluno 5

“Teste oral, individual e debates.”

- Aluno 6

“Como sugestão, o professor não dizer as notas antes do final do bimestre, pois, assim, o aluno tem que se esforçar continuamente. Segundo eles, a semana de prova marcada com antecedência pode contribuir e muito com o resultado final da avaliação.”

2. OS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO ADOTADOS PELOS PROFESSORES SÃO CLAROS E PRECISOS?

- Aluno 1

“Algumas vezes sim e outras não.”

- Aluno 2

“Sim! Pois eles testam os nossos conhecimentos se estamos por dentro do assunto dado em sala de aula.”

- Aluno 3

“Nem sempre... Tem professor que nos ajudam na interpretação e outros que não conseguem alcançar essa nossa necessidade.”

- Aluno 4

“É importante que o professor faça uma avaliação mais ampla, e não só através de provas, porque as provas nem sempre medem o conhecimento global dos alunos. Um trabalho através de seminários pode ser uma forma de avaliação.”

- Aluno 5

“Não, temos professores que cobra na avaliação, conteúdos a mais do que foi dado”

- Aluno 6

“Os professores confundem conteúdo trabalhado em uma turma com o trabalhado em outra.”